

Apresentamos neste número sete artigos, sendo cinco deles escritos por pesquisadores nacionais e dois internacionais. Os temas são variados: questões teórico-metodológicas relativas ao estudo da dispersão e diversificação cultural de grupos humanos a partir de datações radiocarbônicas provenientes de sítios arqueológicos, ocupação antiga da América e relação entre homem e mamíferos de grande porte, variabilidade tecnológica das indústrias líticas do sul do Brasil e seus significados, tecnologia lítica e análise intra-sítio, arquitetura ritual e construção do espaço, arqueologia em área indígena e arqueologia numa vila operária do século XIX.

O artigo de James Steele, do Institute of Archaeology/University College London aborda uma questão crucial para a discussão sobre dispersão e diversificação cultural de grupos humanos em diferentes períodos e regiões. Focando a questão da utilização das datações radiocarbônicas como uma ferramenta para estimar direção e velocidade de deslocamento, James Steele apresenta de forma sucinta as principais abordagens estatísticas e os problemas enfrentados com relação à composição da amostra. Este é um ponto fundamental do artigo, pois sem uma amostra confiável e com boa resolução a dimensão e significado das lacunas pode se tornar um obstáculo para discussão dessas questões. Esse é comumente o cerne das discussões sobre ocupação da América, por exemplo, uma vez que muitas das datas antigas apresentam problemas com relação aos critérios de legitimidade definidos e aceitos por grande parte da comunidade acadêmica. A fim de esclarecer este ponto o autor menciona um estudo realizado em colaboração

com Gustavo Politis, onde ambos procuram re-datar sítios potencialmente antigos no extremo sul do continente.

O artigo de Rafael Suarez traz informações inéditas sobre ocupação antiga no norte do Uruguai, numa região de fronteira com o Brasil. Além de apresentar datas ainda inéditas, há uma discussão sobre a relação entre ocupação humana e fauna Pleistocênica de grande porte, com indicações da presença de *Equus sp* e *Glyptodon sp* até cerca de 9.500 anos AP na região entre o rio Uruguai e Quaraí. No entanto, o autor ressalta que com base nas evidências coletadas a subsistência desses grupos humanos estaria baseada na caça de mamíferos de pequeno e médio porte, aves e peixes, com apropriação dos mega-mamíferos como complemento, não de forma frequente. A tecnologia lítica associada a estas ocupações envolve a produção de artefatos bifaciais, dentre os quais pontas de projétil. A discussão apresentada pelo autor centra-se nos dados do sítio Pay Paso 1, mas em função das datas e dados apresentados certamente tem repercussão para discussões regionalmente mais abrangentes, envolvendo todo o norte do Uruguai e sul do Brasil, além de contribuir para discussões referentes às estratégias adaptativas dos primeiros grupos humanos a ocuparem a América do Sul na transição Pleistoceno/Holoceno.

Continuando na região sul do Brasil, temos o artigo de Adriana Dias e Sirlei Hoeltz que, a partir de uma detalhada revisão bibliográfica, discute a variabilidade tecnológica das Indústrias Líticas do sul do Brasil, principalmente no que diz respeito à Tradição Humaitá. A partir de uma abordagem sistêmica a respeito da variabilidade tecnol

lógica, as autoras diferenciam entre o que seria o Contexto do Problema e o Problema em Contexto. Neste último segmento, destacam três aspectos principais da discussão: o Problema Regional em Contexto, O Problema Cronológico em Contexto e o Problema Tecnológico em Contexto. A junção desses três aspectos, segundo as autoras, permite propor a hipótese de que o que se convencionou definir como Tradição Humaitá representaria conjuntos distintos associados a diferentes estratégias de ocupação relacionadas aos grupos humanos que ocuparam a região sul do País ao longo do Holoceno.

No texto de Marcelo Fagundes a temática da variabilidade tecnológica das indústrias líticas continua a desempenhar um papel importante, mas está voltada para discutir o processo de ocupação intra-sítio ao longo do Holoceno. O sítio Justino, localizado na região do Baixo São Francisco foi intensamente escavado, fornecendo uma rica e diversificada amostra de vestígios materiais. Com datas entre o Holoceno Inicial, Médio e Recente este sítio é uma referência importante para discussão relacionada ao processo de ocupação do Nordeste e aos processos de mudança envolvidos na transição entre economias baseadas na caça e coleta para aquelas mais centradas em atividades de horticultura. A análise da composição e distribuição interna dos vestígios materiais identificados neste sítio embasa um modelo a respeito do processo de ocupação da paisagem circundante, conferindo diferentes funções para o sítio Justino ao longo do Holoceno.

Mudando de temática, temos o artigo de Jonas de Souza e Silvia Copé que discutem arquitetura ritual associada às ocupações Jê do sul do Brasil. A partir de escavações em montículos e aterros anelares os autores fazem uma distinção entre pequenos aterros cercando montículos funerários e grandes aterros cercando uma praça interna. Análises da composição dos conjuntos de vestígios e da estratigra-

fia dessas estruturas levam os autores a propor não só funções, quanto significados distintos para esses dois conjuntos de estruturas que estariam relacionados a agrupamentos sociais de escalas distintas. Enquanto os primeiros seriam cemitérios de grupos ocupando casas semi-subterrâneas vizinhas, os segundos estariam relacionados a agregação de diversas comunidades dispersas.

Já o artigo de Eduardo Bespalez enfoca o processo de formação da terra Indígena Lallima, confrontando dados etnográficos, etnohistóricos e arqueológicos. A partir desse conjunto de dados o autor sugere que a TI Lallima deve ser compreendida como um palimpsesto da história indígena regional, uma vez que oferece evidências para ocupação dos diversos grupos que atualmente ocupam essa TI em diferentes períodos de sua trajetória histórica.

No último artigo deste número, Cláudia Plens discute a relação entre distintas classes sociais entre fins do século XIX e início do século XX, enfatizando a situação da classe trabalhadora em um contexto histórico logo após a abolição da escravidão. O trabalho tem como foco a vila operária de Paranapiacaba, obra elaborada e executada pela companhia inglesa The São Paulo Railway Co. Ltd.. A partir da escavação das residências da vila operária construída em 1865, a autora discute a relação entre cultura material e classe social nesse contexto histórico de transição entre escravidão e trabalho assalariado.

Temos ainda neste número a resenha do livro “Patrimônio Arqueológico de Caxias do Sul”, apresentada por Francisco Noelli e, na seção Notas, um comentário de Rafael Corteletti, autor do livro, sobre a resenha apresentada.

Espero que aproveitem a leitura e participem da Revista enviando seus trabalhos, resenhas, resumos e notas.